

BIRMÂNIA

Dr. Estanislau Fischlowitz — Perito da ONU; Assistente Técnico do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio

Duas vezes, nos anos de 1954 e 1955, tive a grata satisfação de visitar a Birmânia ("Myanma", no idioma local), a serviço do programa assistencial da ONU, esforçando-me em contribuir para o progresso social e econômico daquele interessante país da Ásia sul-oriental.

No quadro bastante negro que o continente asiático apresentava aos olhos do mundo, em 1955, a Birmânia constituía, com efeito, uma das raras manchas cor de rosa. República cuja população alcança quase vinte milhões de habitantes e com um território que abrange 678.580 km². é a Birmânia um país montanhoso e estrechado de florestas e desertos, banhado pelos rios Irawaddy e Salouen. Sua Capital, Rangum, é uma bela e movimentada cidade, cheia de contraste e paradoxos — como a própria Birmânia.

Nação jovem, tendo reconquistado a sua independência em 1948, a antiga Burma apresenta, ao mesmo tempo, uma impressionante história de 3.000 anos de existência do reinado criado no passado remoto pelo povo birmanês, de origem mongol-tibetana.

EXOTISMO

O que salta aos olhos, à primeira vista, a quem visita a Birmânia é, sem dúvida, o seu empolgante exotismo, estranho e até mesmo misterioso. É um dos raros países asiáticos cujos habitantes — homens de todas as classes e categorias sociais — vestem trajas tipicamente nacionais: saias compridas, de variado colorido e de beleza atraente ("longyis"), conservando, ciosamente, costumes e hábitos tradicionais — tanto na sua vida pública quanto em sua existência privada.

A BUSCA DO NIRVANA

A Birmânia é o principal centro mundial do Budismo, na sua feição sulina ("Hanayana"), mais meditativa, contemplativa e introvertida — religião essa cuja expansão nos últimos tempos tem se tornado verdadeiramente notável. Ao que parece os párias da Índia (nada menos de 60 milhões de pessoas) caminham para a conversão ao Budismo num futuro não muito remoto. Essa religião humanitária, tolerante e extremamente pacífica, domina integralmente a vida na Birmânia. Os admiráveis e artísticos pagodes, cobertos de ouro e repletos de jóias, as mais requintadas, manifestam a profunda fé de seu povo.

Rigorosamente de acordo com o príncipe Gautama, fundador do Budismo, a morte é um acontecimento feliz, de vez que aproxima o falecido do estado ideal, no Nirvana, que significa a beatitude budista: a extinção da individualidade a sua absorção no supremo espírito do Universo. Buda (O Sábio) ou Çakya-Muni (O Solitário dos Çakyas) foi o homem que se rebelou contra o formalismo dos brâmenes. Nascido

nos meados do Século VI A.C., filho de Cuddhodana, rei dos Çakyas, da rainha Maya Dévi, até os vinte e nove anos viveu uma vida de prazeres. Mas tendo encontrado um velho, um doente, um cadáver e um religioso, concebeu profundos pensamentos sôbre a miséria humana, deixou furtivamente o seu palácio e se dedicou ao estudo, junto aos brâmanes. Posteriormente passou seis anos numa floresta, inteiramente dedicado à meditação. Ao fim desse tempo, tornou-se Bhodda, ou seja Sábio, e compreendeu que o mal é inseparável da existência e que a libertação consiste em cada um desfazer-se (pela meditação e a caridade) dos desejos, das paixões, dos bens materiais. A filosofia budista ensina que a dor é inseparável da existência, a existência é produzida pela ignorância, causa das paixões e desejos, do apêgo aos objetivos exteriores que atuando por intermédio dos sentidos, dão origem aos seres; a extinção da ignorância, portanto, destrói o poder dos sentidos e, desta forma, não se produzem novos nascimentos. Chega-se a essa extinção pela ciência, a abstenção dos pecados, a prática da caridade. O pecador renasce numa condição inferior, entre os animais e nos infernos, ao passo que com os sábios isso ocorre em uma condição melhor: entre os gênios, os deuses; cada um torna-se boddhisattva, e, enfim, Buda perfeito, liberto da obrigação de renascer e possuindo a beatitude do perfeito Nirvana.

ALEGRIA DA MORTE

Tive oportunidade de assistir, há poucos meses, ao funeral de um velho respeitável monge, na Capital, Rangum. Tristeza? Chôro? Nada disso! Antes, pelo contrário — alegria geral e exuberante. Música, multidão enorme batendo palmas e dezenas de dançarinas, em trajes de cores vivas, pulando em tórno do transparente caixão que, pendurado por cordas no teto, acompanhava com suas oscilações o ritmo das melodias populares entoadas por todos os presentes... É interessante notar até que ponto chega a observação dos conceitos do budismo, religião que conta com mais de 500 milhões de praticantes em vários países da Ásia.

A Birmânia, "celeiro da Ásia", tem a sua principal fonte de exportação no arroz. Pois bem: os importadores desse cereal queixam-se amargamente de que, muitas vezes, encontram nas sacas; onde o produto é transportado, mais bichos do que a própria gramínea — o que, segundo, eles, aconselharia a defumação das sacas para liquidar os insetos.

— "Não, isso não é possível!" — respondeu-me U. Rachid, Ministro do Comércio Exterior, estadista de valor extraordinário. E prosseguiu: "Quem sabe se dentro dos corpos daqueles bichinhos não se encontram almas de nossos queridos mortos: avós, tios, primos?..."

A MODERNA BIRMÂNIA

Vejamos, porém, o reverso da medalha: a Birmânia progressiva, virtualmente rica, mas, na realidade, ainda bem pobre. O que se observa sob qualquer aspecto no país é que, embora economicamente retardado, está disposto, pelo esforço de seus filhos, a recuperar-se apressadamente da sua estagnação milenar.

Segundo um dos recentes relatórios do Banco Mundial, a Birmânia é o único país, em todo o mundo que, subdesenvolvido, assim mesmo baseia a sua política econômica no planejamento a curto e, mesmo, longo prazo. Ignora a fome, a desnutrição e a miséria. Desconhece as excessivas pressões demográficas — que apresentam o flagelo principal de seus vizinhos China e Índia. Conseguiu, por outro lado, suprimir intei-

ramente o analfabetismo como nenhum outro país da Ásia o pôde fazer. Dispõe de riquezas fabulosas em seu solo, de terra fértil e dadivosa, abundantemente irrigada e de grande recursos veetais, florestais e minerais — cuja exploração se processa de modo surpreendentemente satisfatório.

O governo democrático da ONU, que assumiu o poder em 4 de janeiro de 1948, contribuiu para elevar aos poucos a renda nacional. Assim é que o futuro promissor acena com a possibilidade de o valor total da produção do país atingir a expressiva cifra de 7 bilhões de dólares em 1960, ou seja, aproximadamente 490 bilhões de cruzeiros.

A industrialização dos produtos naturais do país demonstra um avanço lento mas perfeitamente satisfatório, não somente no setor público como também no setor privado.

A MONOCULTURA

Como não podia deixar de ser, existem, também, aspectos negativos no panorama econômico da Birmânia. Dada a orientação monocultural de sua lavoura, o país no momento atravessa uma grave crise relacionada com a queda espetacular das cotações do arroz no mercado mundial. Não tem sido, por outro lado, ainda possível ao governo elevar o nível baixo, de acentuada austeridade, em que vivem as classes trabalhadoras birmanesas. A renda nacional "per capita" oscila em torno de Cr\$ 3.500,00, somente.

Um outro fator de absoluta importância para a Birmânia é a insuficiência (quantitativamente falando) do capital alienígena.

Num país, cujo desenvolvimento econômico só muito recentemente começou a receber um impulso animador, a precariedade de investimentos estrangeiros afeta várias realizações industriais, e o balanço do comércio exterior apresenta "deficits", na verdade, pouco animadores até o momento.

Entretanto, tudo parece justificar otimismo, quanto à consolidação daquela república, dada a sua orientação econômica prudente e oportuna, evidentemente caso não sobrevenham complicações internacionais.

O PETRÓLEO BIRMANÊS

Vale a pena ressaltar a política de petróleo praticada pelo governo, moderadamente socialista e acentuadamente nacionalista, de Rangun — Capital da Birmânia. A extração e refinação do seu petróleo está entregue a companhia mista com coparticipação financeira do governo, assim como de firmas estrangeiras, que trabalham pelo desenvolvimento do país.

Faltam-me, em completo, infelizmente, os necessários conhecimentos sobre a matéria, para apreciar o acerto de tal solução; o que, todavia, posso adiantar com segurança, baseando-me em observações pessoais, é o surto de progresso impressionante desse empreendimento, que pode ser considerado, pela sua importância, verdadeiramente arrojado.

Uma acelerada seqüência de perfurações — aliás, muito bem sucedidas — vem sendo levada a efeito na área central de Chauk, tarefa essa que, próximamente, será estendida ao delta do rio Irawaddy.

Além disso, há a considerar a operação, em condições muito lisonjeiras, das refinarias localizadas em Chauk (com a produção de 3.000 barris por dia) e Yenangyaring (setecentos barris por dia). O sucesso dessa empreitada é notável, sobretudo ao se tomar em consideração a destruição dos poços — prejuízos esses que foram causados por operações da última guerra mundial — e, de idêntica maneira, a localização

dos centros petrolíferos em zonas que se encontram infestadas por insurgentes.

Um fato digno de nota e que desponta de sua importância para a economia do país, é que o operariado da indústria de petróleo (cujo total vai de 60.000 pessoas) constitui, quanto a níveis salariais, bem como proteção social, o grupo mais privilegiado das classes trabalhadoras birmanesas. É amparado por leis nacionais que protegem os trabalhadores, estimulando-os, destarte, a cumprir melhor suas obrigações, e, dessa forma, produzir muito mais.

Não resta a menor dúvida de que o povo da Birmânia é gente alegre, expansiva e boa, que sabe apreciar, em caráter bastante pronunciado, contribuição da assistência técnica internacional para o progresso e grandeza do país.

Na verdade, o ponto de vista do operoso povo birmanês — de acolher com simpatia essa assistência técnica internacional — é uma prova de amor à pátria e de sincero desejo de vê-la cada vez mais prestigiada perante tôdas as nações do mundo.

E assim é que, só os mais benéficos resultados vem a Birmânia obtendo, através do intercâmbio político-cultural, que enobrece mais e mais o bom nome daquele jovem país asiático.



PEÇAS LEGÍTIMAS

Cia.



Comércio e Indústria

Av. Oswaldo Cruz, 73 a 95

Telefone: 45-8185

Rua Camerino, 79/81 -

Telefone: 43-4990 - Rio